



O ARQUÉTIPO DO *CORNO*: UM CONSTRUTO CÔMICO-VIOLENTO

Haiany Larisa Leôncio Bezerra¹
Tânia Maria Augusto Pereira²

Universidade Estadual da Paraíba

O discurso midiático, alicerçado na instância da memória coletiva, permite entrever a circulação de imagens socialmente legitimadas que evidenciam valores culturais e fornecem um arquivo de práticas linguístico discursivas. Esse cenário configura, para o presente estudo, um construto profícuo que tece reflexões acerca dos processos de subjetivação na mídia, em articulação com a (re)produção de identidades. Nesse cenário, nossa pesquisa se debruça sobre a identidade do *cornos* na contemporaneidade, a partir dos aspectos linguísticos e discursivos presentes nas notícias de jornais veiculados na internet. Para tanto, pretendemos verificar a construção da identidade cômico-violenta do *cornos* na mídia, buscamos refletir acerca do papel da mídia na construção do imaginário social em consonância com a constituição dos sujeitos discursivos. Nessa perspectiva, nosso objetivo geral é analisar os aspectos linguístico discursivos, presentes nas notícias de jornais veiculados na internet, que reverberam na construção de identidades do *cornos* na contemporaneidade. Sobre os objetivos específicos, pretendemos: Verificar o papel da mídia na espetacularização dos efeitos de sentido, como mecanismo (co)produtor e (re)produtor de identidades; Refletir acerca da construção midiática cômica do homem *cornos*, em articulação com os mecanismos da memória discursiva (MD), dos estudos culturais, de gênero e do humor, como aspectos que institucionalizam práticas concretas de violência. Partindo de tais pressupostos, mobilizamos saberes que discutem a configuração cômica do *cornos* como mecanismo de ridicularização e controle social que incita a reiteração da virilidade por intermédio da violência. O presente estudo está pautado na perspectiva qualitativa de incursão metodológica a partir das contribuições de Gregolin (2003), Bourdieu (1997), Debord (1997), Bergson (1983), Propp (1992), dentre outros. Diante do exposto, articulamos os conhecimentos da Análise do Discurso de linha francesa, dos Estudos Culturais, de Gênero e do Cômico, que evidenciaram a atuação dos mecanismos midiáticos como instrumentos (des)construtores e (re)produtores da identidade do *cornos*.

Palavras-chave: Mídia, Identidade, Comicidade, Violência, *Corno*.

INTRODUÇÃO

A era digital, oportunizada pelo processo de globalização, promove o encurtamento das distâncias, a unificação territorial e um novo cenário na ordem comunicacional. Nessa perspectiva, o universo midiático preside a constituição do imaginário social e gerencia a relação do sujeito com o mundo. No contexto da sociedade contemporânea, o modelo capitalista subjaz a cultura do espetáculo e deflagra

¹ Graduada pela Universidade Estadual da Paraíba. Atua como professora de Produção Textual no Pró-ENEM da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: haianyleoncio@hotmail.com

² Professora orientadora. Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração em Linguística e práticas sociais, dentro da linha de pesquisa Discurso e sociedade. É professora efetiva no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba. Desenvolve pesquisas no campo da Linguística inseridas na área da Análise do Discurso de linha francesa. E-mail: taniauepb@yahoo.com.br



instâncias de poder que constituem os sujeitos discursivos, entrecortados por estereótipos, identidades, no intuito de regular o construto social. De acordo com Gregolin (2003), a lógica da sociedade capitalista busca definir limites, “disciplinarizar”. Nesse contexto, a máquina midiática emerge como instância que preside mecanismos de controle, gerencia a (re)produção e circulação de sentidos, e permite entrever um arquivo histórico. Isto posto, promove a constituição do imaginário social que constitui o engajamento do sujeito na trama dos sentidos, a entrada nas relações de poder (GREGOLIN, 2003).

Nessa associação com as relações de poder, os instrumentos midiáticos articulam a construção dos arquétipos³ da sociedade, que têm origem a partir do seu próprio cenário simbólico, em consonância com os pressupostos que subjazem o universo da mídia e institucionalizam o aspecto sob o qual repousa a sociedade contemporânea: a cultura do espetáculo. Nesse cenário, explicita Debord (1997) que a sociedade permanece alicerçada no presente modelo de economia mundial que viabiliza a unificação global e desencadeia a disseminação do espetáculo. Assim sendo, o contexto social no qual estamos inseridos não é arbitrariamente espetacular, mas subsiste ancorado, fundamentalmente, no circuito “espetaculista”. Segundo o autor, a cultura do espetáculo é a essência da sociedade atual.

Dito isto, podemos entrever que o suporte midiático trabalha a serviço do governo do espetáculo e oportuniza a construção de um imaginário social veiculado, primordialmente, pelo discurso midiático. A mídia promove a construção do espaço público, tendo em vista que a máquina midiática preside a circulação e (re)produção de estereótipos, imagens, entrecortadas historicamente, que instituem os sujeitos discursivos. O discurso midiático, ancorado nos domínios da memória coletiva, estabelece a circulação e a regularidade de enunciados marcados por imagens legitimadas na dinâmica social (GREGOLIN, 2003). Nessa perspectiva, fornece um arquivo histórico que permite compreender os processos de subjetivação da mídia na veiculação de imagens apreendidas nas práticas socioculturais, em articulação com mecanismos de disciplinarização e controle que propiciam a formulação de identidades.

³ A noção de arquétipo concebida nessa pesquisa, emerge das formulações do psicólogo Carl Gustav Jung. Para o estudioso, o arquétipo é descrito como um agrupamento de imagens que habitam no inconsciente da coletividade. São constituídos em espaços de memória que tem princípio na herança sociocultural. Portanto, o arquétipo é um conjunto de representações, modelos inconscientes que incitam a determinação da conduta humana.



Para a autora, os mecanismos midiáticos se encontram no vértice da produção de identidades específicas por intermédio dos “dispositivos pedagógicos” que fomentam a criação de verdades e liberdades reguladas que promovem a emergência do presente. A esse respeito, Gregolin (2003, p. 99) assevera que “esse poder que se exerce sobre o corpo é ininterrupto e, por isso, naturalizado, é internalizado pelo sujeito”. Assim, partindo do pressuposto de que existem âmbitos de apreciação dos comportamentos, o controle e a vigilância social disseminam mecanismos de desprezo com o intuito de influenciar atuações sociais que ratifiquem espaços normalização.

Este estudo está pautado nos princípios da pesquisa descritivo-interpretativista. No que concerne à forma de abordagem, considera-se de base qualitativa. Propomos uma pesquisa alicerçada no entrelaçamento entre a Análise do Discurso de tradição francesa, Estudos Culturais, Gênero e Humor, a partir das notícias de jornais veiculados na internet com o intuito de oportunizar reflexões acerca do perfil cômico-violento da figura do *cornos*, bem como das tessituras de poder-subordinação e redes de memória que instituem o simulacro⁴.

Diante do exposto, com relação à composição do *corpus* que compõe a nossa pesquisa, nos debruçamos sobre jornais veiculados, primordialmente, pela internet. Notícias que permanecem em evidência no universo digital pelo aspecto insólito caracterizado pela violência extrema ou comicidade. Dito isto, intentamos refletir acerca dos seguintes questionamentos: as movências que instituem o homem na identidade de *cornos*, de fato, reverberam humor e/ou violência? O retrato humorístico do homem *cornos* evidencia a caracterização de uma identidade que incita a atuação violenta? Como hipótese, propomos que alicerçada no contexto cultural, em articulação com a instância midiática e a MD, a identidade do homem *cornos* sedimenta o perfil humorístico que suscita, bem como promove, pela ridicularização, práticas concretas de violência. Instada pela “legítima defesa da honra” e, portanto, alicerçada na dominação masculina promovida pela própria ordem social, a identidade do *cornos* institucionaliza a violência.

Feita a explanação dos nossos questionamentos, a formulação da nossa hipótese e da metodologia, apresentaremos a forma como este trabalho está estruturado. Além da introdução, este artigo se subdivide em dois tópicos. No primeiro, denominado “O discurso midiático: a cultura do espetáculo”, nos dedicamos ao estudo da sociedade do

⁴ A noção de simulacro empregada nesta pesquisa, aborda a concepção proposta por Sírío Possenti. Nesse sentido, compreendemos que o simulacro é uma construção imaginária caracterizada por evidenciar o caráter contrário, avesso, apregoado a determinada identidade (POSSENTI, 2014).



espetáculo e sua profícua articulação com a memória discursiva na (re)produção de identidades. No segundo tópico, cognominado “Gênero, poder e comicidade”, refletimos sobre a construção da identidade do *cornio*, analisando os enunciados linguístico imagéticos que deslizam ora para o humor, ora para a violência.

1 Discurso midiático: a cultura do espetáculo

No cenário da transcendência territorial, evidencia Debord (1997) que a sociedade contemporânea incide na cultura do espetáculo e reverbera a genuína relação assumida pelos pressupostos capitalistas de produção. Sendo assim, o espetáculo irrompe como sustentáculo de origem, eco e elemento de ratificação do/pelo presente modelo social. Para o autor, o espetáculo é a própria sociedade e sua essência, simultaneamente. A prática espetacular subjaz as manifestações midiáticas e se autoperpetua a partir do desígnio último e intrínseco do aparelho social, a exorbitância. De acordo com o estudioso, nenhum âmbito da sociedade permanece intocado pelo espetáculo, tendo em vista que seu poder se institui no escopo da tirania, da onipresença e nada se esquivava da sua atuação. “O espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos” (DEBORD, 1997, p. 171).

O complexo midiático constitui a edificação da realidade a partir de um cenário ilusório e, portanto, disforme em relação ao real. “O real é, pois, sobredeterminado pelo imaginário; nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos” (GREGOLIN, 2003, p. 98-99). Mittmann (2008) afirma que a contemporaneidade habita na hegemonia instada pelos instrumentos midiáticos, assim, as novas diretrizes advindas dessa superpotência, mais especificamente o ciberespaço⁵, a “cibercultura⁶”, suscita o vínculo comunicacional entre a rede de computadores, mas, seu âmbito de atuação também potencializa e expande uma nova ordem na tessitura dos discursos e, portanto, das significações. Assim, “o ciberespaço abarca não apenas a armazenagem e circulação dos discursos,

⁵ Segundo Santaella (2008), o ciberespaço equivale a um espaço virtual de armazenamento da informação que manifesta sua materialidade e, portanto, existência quando acessada pelo usuário.

⁶ Para Santaella (2008), a cibercultura denomina a relação de interação configurada entre a sociedade e as novas tecnologias de comunicação.



mas também a produção, as formas de organização e articulação, além da recepção” (MITTMANN, 2008, p. 113-114).

De acordo com a autora, essas mudanças na inscrição sociocultural e prática do cotidiano regem modificações na dinâmica da interação leitor-texto, na própria perspectiva de apreensão do mundo. Para Debord (1997), as inovações tecnológicas oportunizam a imersão no escopo da sociedade espetacular. Por isso, o ciberespaço se configura uma esfera profícuca que suscita reflexões e discussões.

2 Gênero, poder e comicidade

Segundo Bourdieu (1997), a gênese da dominação masculina encontra sua vivacidade na perpetuação dos costumes, das tradições. Pressupõe a naturalização do “princípio da alteridade” entre gêneros, promovida por intermédio das instituições sociais e dos mecanismos de regulação. Em articulação com os processos de eternização, o princípio da divisão dos sexos, alicerçado em atributos biológicos e psicológicos, oportuniza a legitimação do ideário da hierarquização da sociedade a partir da inscrição do sentimento de normalização (BOURDIEU, 1997). Sendo assim, o aparelho social se coaduna sob o ideário da secessão inerente aos gêneros, determinada social e genuinamente pela elaboração da categorização antagônica dos sexos.

Nesse cenário, para o autor, a cultura do patriarcado projeta uma movimentação cíclica do poder fálico que ratifica a heterogeneidade dos sexos e institui a assimetria nas relações de poder, desníveis capazes de conferir atribuições práticas a cada gênero. Diante da posição “legítima” e “inata” atribuída à disposição dos gêneros no estatuto social, se constrói a estabilidade das relações entre feminino e masculino. A ordem da dominação masculina é alicerçada no fato de se isentar de explicações, tendo em vista que se perfaz com base na neutralidade (BOURDIEU, 1997). Para Baubérot (2013), a sociedade administra a essência do conflito de oposições entre os gêneros por intermédio da proficiente conjuntura de dominação e resignação imposta pelo trabalho de interiorização instituído, paulatinamente, através da família, da escola, do trabalho, do quartel e da cultura.

Diante desse cenário, observemos a notícia “Corno fica furioso, mas diz que ama a mulher” (Figura 1), veiculada na página do jornal digital “Maracatú Notícias”. No evento noticioso, um homem identificado como “Dedé” agrediu a filha que o chamou de



cornos. Para a reportagem do Balanço Geral de Palmas (TO), o acusado afirmou “Eu já fui, posso ser *cornos*, mas não assumo” e evidencia, ainda, que agride qualquer pessoa que o chame de *cornos*. Incorporada, então, pelo círculo familiar ou desde a infância através dos jogos infantis (BAUBÉROT, 2013), a essência da virilidade exige, para Kalifa (2013), a legitimação da coletividade masculina que, em interface com a violência dissimula e incita, sob o ideário da coragem, da honradez, a adesão a práticas sociais agressivas e imoderadas. O fato noticioso evidencia, também, que “Dedé” faz uma declaração de amor na reportagem, apesar da traição da esposa. Segundo Virgili (2013), a prática de violência conjugal ou o crime passional permite entrever aspectos românticos, mas também de violência excessiva.

Figura 1

Fonte: <http://www.macaraunoticias.com.br/2014/04/corno-fica-furioso-mas-diz-que-ama.html>. Acesso 08 de abril de 2016.

O retrato da notícia evidencia, portanto, uma dimensão cômico-violenta, tendo em vista que o acusado se coloca na posição de sujeito *cornos*, mas não permite que o contexto social manifeste a rejeição inerente à identidade do *cornos*. A atuação violenta emerge como mecanismo de reiteração e ratificação da virilidade, pressuposto da masculinidade. “Ser um homem de verdade, isso deve se fazer notar: o corpo, a postura, os gestos são mesmo sinais de ostentação, registros de virilidade” (KALIFA, 2013, p. 306), com o propósito último de potencializar o consentimento do espaço masculino e preservar sua permanência no grupo. Assevera Bourdieu (1997, p. 32) que o “privilegio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contenção permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade”. Bourdieu (1997, p. 46) ainda afirma que:

A alienação genérica está na base de seu privilégio específico: os homens são educados no sentido de reconhecer os jogos sociais que apostam em uma forma qualquer de dominação; jogos estes que lhes são destinados, desde muito cedo, e sobretudo pelos ritos de instituição, como dominantes, e dotados, a este título, *da libido dominandi*; o que lhes dá o privilégio, que é uma arma de dois gumes, de se entregarem seguidamente aos jogos de dominação.



O sistema da dominação simbólica não oportuniza a limitação da amplitude das relações de domínio, mas expande o controle aos próprios dominadores. As conjunturas sociais funcionam como sustentáculo que suscita a coação do homem à inscrição na imagem idealizada da masculinidade e possibilita o engajamento com os jogos de poder geridos pelo governo da dominação, como vimos na figura 1. Outro aspecto relevante da figura 1 emerge através do suporte imagético, tendo em vista que retrata uma oração destinada ao simulacro do *cornô* e, ao lado da foto de seu “Dedê”, representa a face cômico-violenta que configura o entremeio da identidade do homem *cornô*. Dito isto, uma identidade que permite entrever a ausência da identificação e, portanto, sinaliza a diferença, o desprestígio tecido pela ridicularização cômica que atua no reordenamento da hierarquia e ratificação da virilidade através do emprego da força.

Segundo Bergson (1983), a comicidade encontra vivacidade na personificação dos aspectos essencialmente humanos. De acordo com o autor, o riso expressa a função, a significação e os processos da existência social, coletiva e individual, emerge e é genuinamente apreendido no âmbito da sociedade, seu espaço natural. Corroborando Propp (1992) que a comicidade preconiza a participação significativa do componente humano. Para tanto, atribui notoriedade à habilidade de rir e suscitar o riso inerente à inclinação do homem. A conduta risível pressupõe a capacidade naturalmente humana de deflagrar critérios de análise do caráter, bem como a destreza e a perspicácia para constatar o humor, tendo em vista que “o cômico sempre, direta ou indiretamente, está ligado ao homem” (PROPP, 1992, p. 38).

A comicidade e o humor constroem e percorrem caminhos próprios, específicos ao contexto social, cultural, aos mecanismos de produção, instrumentos de emergência e proliferação do risível. Podemos constatar que o humor e a comicidade são intrinsecamente articulados e, ao mesmo tempo, divergentes em essência. O autor define o humor a partir da propensão para apreender e elaborar o cômico, assim, o humor permite vislumbrar, a partir da emergência de defeitos ínfimos proporcionados pelas relações interpessoais, uma essência benigna ancorada na complacência e desprovida de maldade. Em contrapartida, a comicidade configura uma construção maléfica que “costuma estar associada ao desnudamento de defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso” (PROPP, 1992, p. 171).

A partir das explicações tecidas, observemos a página do jornal online “COAD: notícias confiáveis”, que aborda uma notícia intitulada “Solene cornô: juiz nega pedido



de indenização a marido traído” (Figura 2). O evento noticioso evidencia o caso do agente da Polícia Federal que acionou a justiça com o intuito de reivindicar, ao amante de sua esposa, uma indenização por danos morais. Nesse contexto, Bergson (1983) ressalta a magnitude do recurso da reincidência humorística da “automação”, anteriormente mencionado, tendo em vista a reiteração da dinâmica social do riso a partir do construto do homem *cornio*. O acontecimento suscita um personagem cômico, consolidado nas movências do maquinário imagético e simbólico, um arquétipo naturalizado em nosso cenário sociocultural.

Figura 2

Fonte: <http://www.coad.com.br/home/noticias-detalle/22035/solene-corno-juiz-nega-pedido-de-indenizacao-a-marido-traido>. Acesso 08 de abril de 2016.

Ao julgar improcedente o pedido de indenização do marido traído, o juiz Paulo Mello Feijó se dirige ao agente federal, na homologação da sentença, como “solene cornio”. De acordo com o dicionário Online de Português, a palavra “solene” evidencia, entre outros sentidos, que se distanciam do contexto de aparição da notícia em estudo, alguém que está em consonância com a formalidade, segue regras. Dos instrumentos linguísticos que asseguram a emergência do humor, entre outros mecanismos, Propp (1992) elenca a ironia, tendo em vista que desvela a distorção a partir da exibição de aspectos positivos, assim, por intermédio da oposição revela a disformidade e provoca o riso de zombaria, o sarcasmo. Assim, a articulação de um ideário legalista e, portanto, positivo no contexto social, à figura do *cornio*, desvela o caráter irônico, cômico que o lugar social do juiz permite entrever. A sátira emerge como elemento significativo. Acerca desta questão, Propp (1992, p. 211) afirma que:

A sátira age sobre a vontade daqueles que permanecem indiferentes diante desses vícios, ou que fingem não vê-los, ou que são condescendentes, ou mesmo que não sabem nada sobre eles. Ela levanta e mobiliza a vontade de lutar, cria ou reforça a reação de condenação, de inadmissibilidade, de não compactuação com os fenômenos representados e, por isso mesmo, contribui para intensificar a luta para removê-los e erradicá-los.

Para o autor, estritamente vinculado à esfera do cômico, o riso de zombaria, que emerge da presente notícia, engendra a sátira como instrumento basilar e se manifesta como o tipo de riso mais comum no âmbito social. A exteriorização de defeitos a partir



de uma qualidade que se opõe em essência, suscita o riso face à concretização do episódio fortuito. Assim, a relevância do mecanismo intitulado “absurdo cômico”, para Bergson (1983), engendra a manifestação social risível, distintiva através da ocorrência do insólito, que (re)conhece na ausência explícita da normalidade o estímulo e promove a emergência da ridicularização, objeto de desprezo que conduz à correção pública, social. Além de “solene corno”, o marido traído recebeu, no espaço de trabalho, o apelido de “corno conformado”, pois não efetuou nenhum ato de violência, apesar de ameaçar o amante de sua esposa. Assim, “o riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre tanto humilhante para quem é objeto dele” (BERGSON, 1983, p. 65).

Na visão do autor, o riso pode “fazer alguém de bobo”. Sendo assim, o marido, motivo de chacota no ambiente de trabalho, iniciou os trâmites judiciais com o intuito de requerer o ressarcimento dos danos causados à honra. Assevera Bourdieu (1997) que a virilidade, “princípio da vulnerabilidade”, pressupõe a soberania em todos os âmbitos da existência social masculina, presente inclusive no fomento das habilidades da agressividade e crueldade que suscitam e ratificam a honra, a transcendência da ordem masculina. Por isso, permite entrever que o espaço destinado ao homem reverbera “manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra” (BOURDIEU, 1997, p. 14). Contudo, a não ratificação da virilidade por intermédio da violência evidencia o rompimento com os pressupostos da masculinidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade do espetáculo autogerada pelo modelo capitalista de produção, e articulada à globalização, atua de modo indissociável ao governo da mídia. Diante do exposto, tecemos reflexões sobre as notícias de jornais veiculados na internet, que retratam o arquétipo do *corno*, com o intuito de traçar uma relação menos ingênua no que concerne às relações de poder que irrompem da constituição social dos gêneros. Isto posto, a partir das reflexões suscitadas, constatamos que o discurso midiático se constitui como uma forte presença invasiva que gerencia a (re)produção de identidades exercidas pela cultura do espetáculo.

Uma organização espetaculista que encontra dimensões profícuas no ciberespaço. No universo digital, as relações com o texto informativo se manifestam sob



diferentes formas de interação, tendo em vista a dinamicidade proporcionada pelo suporte. Assim, considerando que a dominação masculina agencia sua ratificação através das relações de poder erigidas no âmbito social, as notícias que retratam a figura do *cornô* evidenciaram que a mídia articula sob o espetáculo a identidade cômico-violenta, que impera através da imagem simbólica do homem traído.

Discutimos questões relativas à identidade e pontuamos que a sociedade atual fomenta a incursão do sujeito em identidades diversas, embates que geram a crise identitária e processos de identificação que se coadunam sob a utopia da completude. Abordamos as noções de identidade e diferença como princípios interdependentes, evidenciando que a diferença marcada no contexto do homem *cornô*, remete ao construto identitário dominante, ou seja, a identidade de homem macho. A identificação promove a aceitação do circuito social, a diferença, por sua vez, desencadeia represálias que são erigidas e ratificadas. Assim, o homem *cornô* rodeado pelo imaginário social da não correspondência à ordem da dominação é instado, pela ridicularização, a restituir a ordem hierárquica que rege o funcionamento da sociedade e ideário pelo qual o homem é movido a preservar desde a infância sob mecanismos de diferenciação dos gêneros e noção de naturalidade.

Isto posto, esperamos que a nossa pesquisa contribua com as discussões que cercam os estudos de gênero, ratificando a relevância de refletir sobre as relações de poder que alicerçam o movimento de hierarquização dos gêneros. Ainda que de modo tímido, o cenário verificado em nossa pesquisa desperta para a relevância das discussões acerca da cultura patriarcal. Assim, acreditamos que refletir é o primeiro passo para a efetivação de mudanças concretas.

REFERÊNCIAS

- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 189-220.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- DEBORD, Guy. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. In: DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 167-237.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GREGOLIN, Maria do R. V. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz, 2003, p. 95-110.

KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas. In: CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 302-331.

MITTMANN, Solange. Redes de ressignificações no ciberespaço. In: ROMÃO, L. M. S. GASPAR. N. R. (Org.). **Discurso midiático**: sentidos de memória e arquivo. Rio de Janeiro: Pedro e João Editores, 2008, p. 113-130.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

SANTAELLA, Lucia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **[re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 47-72.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In: CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 82-115.

